

Apresentação

Giovana Ferreira Gonçalves

Mirian Rose Brum de Paula

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria - Brasil

É com muita satisfação que apresentamos este número da Revista Letras. Falar sobre aquisição da linguagem em suas mais diversas acepções constitui-se tarefa ainda mais especial no momento em que o Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria inaugura uma nova linha de pesquisa, justamente a linha intitulada Aquisição da Linguagem.

Este não é o primeiro número da revista destinado ao tema (a edição especial 30-31 concerne à aquisição de línguas estrangeiras pelo sujeito adulto), mas é o primeiro a reunir pesquisas sobre a aquisição infantil, principalmente. Compreendida como capacidade inerente ao desenvolvimento humano, a linguagem se desenvolve de modo mais ou menos simultâneo aos aspectos social e cognitivo da criança. No caso do adulto, supomos sempre que ele se encontre cognitivamente desenvolvido e que sua identidade social já esteja fixada. Esta é uma das principais diferenças existentes entre a aquisição infantil e aquela que ocorre com o indivíduo adulto. A linguagem utilizada pela criança, sua sintaxe, os sons que produz, as significações que ela recobre, não remetem às mesmas realidades da linguagem adulta.

A observação e a análise da aquisição infantil nunca deixam de surpreen-

der os pesquisadores que, a partir de pontos de vista nem sempre convergentes, tentam compreendê-la, explicá-la, desvendar seu funcionamento, identificar as leis que regem os diversos estágios do desenvolvimento da compreensão e da produção da linguagem. O leitor encontrará neste número uma série de trabalhos vinculados a diferentes perspectivas lingüísticas que tratam da emergência da linguagem. Há heterogeneidade em torno dos fenômenos priorizados, questões, conceitos, pressupostos teóricos e metodológicos, o que coloca em evidência o caráter dinâmico desse campo de pesquisa.

No Brasil, os estudos sobre aquisição da linguagem têm sido desenvolvidos sob perspectivas teóricas diversas. Os trabalhos sobre aquisição da oralidade em crianças iniciaram na década de 80 com base na Fonologia Natural e tiveram seu curso fundamentalmente calcados nas abordagens gerativas até o final da década de 90, quando novas tendências passaram a ser consideradas nas pesquisas, como a Fonologia Acústico-Articulatória, a Fonologia de Usos e abordagens conexionistas/estocásticas da Teoria da Otimidade. Tais trabalhos envolvem a análise de unidades fonológicas distintas – como traços, segmentos, sílaba e acento –, focalizam a descrição do sistema lingüístico, bem como sua formalização pelos modelos teóricos e contribuem para propostas acerca do processo de aquisição de línguas estrangeiras e de terapias fonoaudiológicas.

A aquisição de estruturas lingüísticas maiores, como aspectos morfológicos e sintáticos, igualmente se constitui em espaço expressivo de pesquisas. Em relação à aquisição morfológica, por exemplo, há trabalhos sob diferentes enfoques teóricos, como a Morfologia Distribuída e a Teoria da Otimidade. Já em relação à aquisição da sintaxe, o maior enfoque é dado às abordagens chomskianas, como Princípios e Parâmetros.

A relação entre aquisição da oralidade e escrita não tardou a surgir, e hoje se busca não apenas a contribuição das análises fonológicas ao processo de alfabetização como também o caminho inverso, ou seja, a utilização de dados de aquisição da escrita para responder questões acerca dos modelos teóricos e das análises formais propostas para o Português.

A aquisição da escrita começa a ser desvendada também sob outros aspectos, focalizando o processo de letramento enquanto construção fundamentada em situações de interação com o outro. Passaram, então, a ser objeto de interesse sujeitos envolvidos em situações reais de interlocução, historicamente construídas. Nesse sen-

tido, o foco da análise passou a ser não mais a generalização, mas o individual, o detalhe, o erro; as trocas sociais como origem da forma e do conteúdo da linguagem.

Este número reúne artigos com perspectivas teóricas distintas. Nos que lidam com os dados da oralidade, encontram-se os seguintes modelos: Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), Teoria da Otimidade (Prince e Smolensky, 1993) – em uma abordagem gerativa –, modelos Multirepresentacionais e Fonologia Acústico-Articulatória (Albano, 2001). Com relação àqueles voltados para questões de escrita e aquisição instrucional, encontramos o sócio-interacionismo, fundamentado em autores como Vygotsky e Bronckart, e a Teoria da Atividade de Leontiev.

No domínio dos estudos gerativistas, Ruth Vasconcellos Lopes, em *Sobre argumentos assimétricos e adjuntos na aquisição do Português Brasileiro*, destaca um tópico atual e caro aos pesquisadores que estudam a aquisição infantil: o estágio do sujeito nulo. Trata-se de uma assimetria concernente à aquisição de argumentos, verificada na produção de crianças de diferentes línguas maternas. Afinal, por que as crianças produzem sentenças sem sujeitos realizados, mas produzem objetos plenos? Essa assimetria é examinada a partir de uma hipótese de competência. Assim, desde os estágios iniciais de aquisição da linguagem, todos os componentes da Gramática Universal estariam disponíveis para a criança. Para discutir e tentar explicar a omissão do sujeito e a assimetria na realização das formas de sujeito e objeto, Ruth Lopes analisa a fala de três crianças monolíngües brasileiras. Ampliando a discussão, a autora compara a aquisição de argumentos com a aquisição dos adjuntos adverbiais “puros”.

No artigo *Sobre a concordância verbal em sentenças inacusativas do português brasileiro*, Silvia Helena do Nascimento, com base em 16 entrevistas de moradores de Florianópolis, que constituem parte do banco de dados VARSUL, investiga a presença ou ausência da concordância verbal em construções inacusativas que apresentam a ordem V + DP (plural). Dentre as variáveis observadas, item lexical, escolaridade, animacidade do DP e saliência fônica são as mais relevantes. A autora constata que o português brasileiro, em relação ao verbo inacusativo, permite que o sujeito apresente-se invertido na oração, ainda que sua concordância com o verbo não seja obrigatória em contextos em que seria *categórica nas línguas de sujeito nulo*.

O papel das classes naturais de segmentos é enfocado por Carmen Lúcia Matzenauer em *Segmentos consonantais na aquisição da fonologia e na tipologia de línguas*, em que analisa a aquisição das consoantes do português com base na Teoria

da Otimidade. Conforme a autora, a observação de classes naturais de segmentos propicia uma análise mais adequada do processo de aquisição fonológica – interação de restrições de modo de articulação, ponto de articulação e sonoridade – e contribui significativamente para evidenciar relações entre o processo de aquisição da linguagem e as tipologias de línguas – aquisição gradual de aspectos marcados, em compasso com os segmentos mais e menos freqüentes nas línguas do mundo, e economia do sistema, considerando-se a interação de restrições de marcação e fidelidade. O modelo teórico aplicado à análise igualmente reforça tal relação devido a sua proposta de restrições universais.

No artigo *Acertos gradientes nos chamados erros de pronúncia*, Maria Cláudia de Freitas, Larissa Cristina Berti e Eleonora Albano, com base na Fonologia Acústico-Articulatória e na análise acústica, investigam e constataam o papel dos acertos gradientes no processo de aquisição das obstruintes coronais desvozeadas e dos róticos por crianças brasileiras com “erros” de pronúncia. A constatação de contrastes encobertos constitui-se, pois, em resultado fundamental a ser considerado na prática clínica, uma vez que permite reformulações acerca do diagnóstico, da metodologia de avaliação e dos procedimentos terapêuticos.

Thaís Cristófaró Silva, em *Desafios e Perspectivas nos Estudos da Aquisição da Linguagem*, discute alguns aspectos teóricos e metodológicos relacionados aos estudos sobre a aquisição da sonoridade, buscando por modelos que relacionem a produção e percepção na organização do conhecimento lingüístico em várias modalidades. É dada ênfase a modelos multirepresentacionais, discutindo-se aspectos como os elementos que constituem as representações lingüísticas, o caráter inato e multimodal da linguagem e a necessidade de corroboração empírica para os fatos atestados.

Os dados de crianças com desvios de fala também constituem o *corpus* no artigo de Letícia Pacheco Ribas. Em *Aquisição das líquidas em crianças com desvio fonológico: aquisição silábica ou consonantal*, a autora discute o papel dos constituintes silábicos no processo de aquisição fonológica do português. Os resultados são comparados aos da aquisição normal e indicam que a aquisição ocorre em acordo com o modelo *top down*, pois o constituinte silábico é que conduz a aquisição das líquidas, estando sua emergência condicionada ao surgimento dos constituintes. A análise da aquisição das líquidas na posição de *onset* complexo indicou também a necessidade de se considerar uma estrutura interna hierarquizada da sílaba, evidenciada pela es-

treita relação entre os segmentos que formam os constituintes silábicos no processo de aquisição fonológica.

Em *A aquisição ortográfica das vogais do português – relações com a fonologia e a morfologia*, Ana Ruth Miranda direciona o seu olhar para a relação oralidade/escrita na análise da grafia das vogais pós-tônicas finais do português brasileiro de crianças em fase de aquisição da escrita. Dados de escrita espontânea e o ditado de palavras inventadas – com o objetivo de dar uma maior liberdade aos sujeitos em seus experimentos com a língua – foram considerados na constituição do *corpus*. A autora, com base em análises fonológicas e morfológicas propostas para os segmentos vocálicos, conforme Câmara Jr. (1970), Harris (1991), Alcântara (2005) e Rangel (2002), demonstra que as crianças tratam de modo distinto as grafias do ‘e’ e do ‘o’, devido ao papel do estatuto morfológico dessas vogais.

Em *Aquisição da escrita: entre a alfabetização e o letramento*, Ana Maria Guimarães e Maria Cristina Robazkiewicz tratam do desenvolvimento da escrita em duas turmas de 1ª série do Ensino Fundamental. O acompanhamento longitudinal da produção dos sujeitos possibilitou a identificação de diferenças de desempenho entre os alunos da turma A e B, o que resultou na procura dos fatores que poderiam ter contribuído para o aparecimento dessas diferenças na produção de alunos oriundos de contextos sociais aparentemente similares. Definindo os processos de alfabetização e letramento, buscando a origem do descompasso entre as turmas na realidade do letramento familiar das crianças e/ou na formação, visão e prática dos docentes, testando hipóteses levantadas por Ferreiro e Teberosky sobre a construção da escrita (1985), as autoras sugerem, para que se possa desenvolver o uso social da escrita, a adoção de uma alfabetização conjunta ao processo de letramento.

No artigo *O discurso da e sobre a escrita de crianças em fase de letramento*, Márcia Cristina Corrêa descreve a metodologia empregada na constituição do *corpus* e evidencia algumas características encontradas em produções orais e escritas de crianças em fase inicial de letramento. Trata-se de uma pesquisa sobre a construção do discurso cuja abordagem – de cunho qualitativo e longitudinal – visa a possibilitar, através de dados de letramento, entrevistas e produções orais e escritas, o acompanhamento e o desenvolvimento da escrita e do discurso sobre a escrita de quinze crianças durante os quatro primeiros anos do ensino fundamental. No que concerne ao modelo teórico adotado, Márcia Corrêa destaca a abordagem intitulada *arquitetura textual* e os trabalhos sobre a concepção e o desenvolvimento da escrita,

de Bronckart e Vygostsky, respectivamente.

A aquisição instrucional sob a ótica da Teoria da Atividade é abordada por Marcos Gustavo Richter em *Aquisição, atividade e formabilidade*. A Teoria da Atividade, atribuída a Leontiev, iniciou com base nos trabalhos de Vygotsky e fundamenta-se no modo como uma ação é realizada, o que envolve os sujeitos, o objetivo específico da ação e sua mediação por uma determinada ferramenta. Tendo em vista que a Teoria da Atividade não se preocupa com a questão do valor até a terceira geração, o autor propõe considerar, além do discurso da autovalorização, também o papel do discurso do *déficit* no espaço discursivo de um sistema de atividade. A versão da Teoria da Atividade proposta incorpora o eixo axiológico, pois não é possível falar em internalização de conceitos por alunos de graduação sem ativar processos de identificação com o professor enquanto modelo profissional. “A ausência de lugar simbólico capaz de deflagrar um genuíno processo identificatório é classificada, então, como paradoxo da formabilidade”.

O conjunto de textos aqui reunidos possibilita ao leitor uma visão de algumas pesquisas recentes acerca da aquisição da língua materna no Português. Esperamos que esta seja uma contribuição significativa para a área.